

O LUGAR DO IDOSO E AS ATUAIS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO

RITA DE KASSIA TORRES NÓBREGA¹

Resumo

A temática do idoso atualmente tem ganhado maior espaço nas discussões acadêmicas, pelo fato de que esta população é crescente no Brasil e em proporções mundiais. Pelo que indicam as pesquisas exploradas aqui, tais projeções apontam aumento contínuo. A presente pesquisa, de caráter bibliográfico com um viés da teoria psicanalítica, percorre o caminho de historicidade, no que diz respeito a construção do lugar subjetivo ocupado pela pessoa idosa na contemporaneidade. O objetivo geral aponta para uma reflexão sobre os espaços ocupados pelo velho/idoso, e o lugar do envelhecimento. Marcados pela sociedade que visa o capital como prioritário sob o manejo de valorização pessoal. A forma que o contexto sócio-histórico-cultural tem atravessado a concepção do envelhecer, sob um padrão de culto ao corpo e narcisismo estético.

Palavras chave: *Envelhecimento; subjetividade; cultura; psicanálise.*

Abstract

The theme of the elderly currently has gained more space in academic discussions, the fact that this population is increasing in Brazil and worldwide proportions. By indicating the research explored here, such forecasts indicate increasing. This research, bibliographic character with a bias of psychoanalytic theory, traverses the path of historicity, as regards the construction of the subjective position occupied by the elderly in contemporary times. The overall goal points to a reflection on the spaces occupied by the old / elderly, and the place of aging. Marked by society that seeks capital as a priority under the management of personal enhancement. The way that the socio-cultural-historical context has crossed the concept of aging, under a standard of body worship and aesthetic narcissism.

Keywords: *Aging; subjectivity; culture; psychoanalysis.*

¹ Psicóloga clínica, Pós graduanda em saúde mental, pública e dependência química.¹

* * * * *

INTRODUÇÃO

Uma das grandes marcas na sociedade atual é o embasamento do paradigma capitalista arraigado aos padrões de vida; aos conceitos populares; a forma como se consome e ao próprio modelo cultural de forma mais ampla. Nessa realidade percebe-se uma grande mudança de valores e hábitos, a medida que a discussão dessa temática passa por uma trama de novos olhares. O que é ser velho? Esta indagação é bastante pertinente quando se tende a fazer uma descrição por apenas características exteriores, ou pela soma de doenças que eles podem ser acometidos, sendo, por muitas vezes, próximo a realidade da dita juventude. O fato é que cada pessoa tem uma imagem subjetiva da velhice e do ser velho, que se altera também de acordo com as mudanças sociais.

A partir do século XVIII com a revolução industrial se iniciou uma mudança nos princípios sociais, o indivíduo passou a ser reconhecido pelo que produzia, os valores antigos foram se diluindo para a construção de um meio mais individualizado. O velho nesse contexto gradualmente perdeu sua importância no cotidiano social, já que ele não se encontrava dentro dos padrões de produção que foi sendo formado nesse período, o capitalista.

Atualmente a sobrevivência de uma pessoa que pode oferecer mão de obra e de alguma forma dar retorno para o sistema é limitada. Visto que o mercado de trabalho valoriza e prioriza a faixa etária da juventude e a vida adulta para estarem inseridas e dar conta das demandas que surgirem nos diversos ramos de atividades de produção.

A própria palavra 'velho' no contexto atual, tem perdido seu espaço no campo da linguagem. Ao que parece esse nome vem sendo suavizado, havendo a necessidade de suplantá-lo por eufemismos que tentam remeter a

uma ideia mais jovial do estado de senescência.

É relevante pensar o lugar subjetivo que ele ocupa na contemporaneidade, pois o perfil demográfico brasileiro vem mudando. Antes o país era reconhecido como o 'berço da juventude', agora as projeções são favoráveis a uma reconfiguração da pirâmide demográfica, os grupos etários menores que vinte anos já apresentam eventual diminuição. O fato é que os habitantes do Brasil estão crescendo, mas há um destaque para as pessoas adultas como também os idosos. A população brasileira envelheceu.

Segundo pesquisas as taxas de crianças de 0 a 14 anos já se encontram em níveis bem próximos à zero. Em contrapartida, as que representam as pessoas com 65 anos ou mais, mesmo oscilando, estão mais elevadas, podendo ultrapassar 4% ao ano. O índice de envelhecimento, como atestam as projeções vem aumentando. Em 2000, para cada grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos, havia 18,3 idosos de 65 anos ou mais. Em 2050, a relação poderá ser de 100 para 105,6. (IBGE, 2004)

Sobre a relação entre as pessoas que ingressam e permanecem nas idades ativas e aquelas que chegam às idades potencialmente inativas, os gráficos mostram que no ano de 2000 para cada grupo de 100 pessoas que completavam os 65 anos de idade, aproximadamente 500 completavam os 15 anos. A relação passa a ser de 100 para 100 em 2050. Para cada grupo de 100 pessoas de 65 anos ou mais, em 2000, 1200 tinham entre 15 e 64 anos de idade. Já em 2050, a relação entre ambos os grupos de idade passa a ser de 100 para pouco mais de 300. (IBGE, 2004)

Isso também ocorre pelo crescente avanço tecnológico, especialmente na área de saúde, que alarga as possibilidades para a continuação da vida; harmonizada ainda com outros fatores. Além disso, existe a injustiça social que obriga a população fazer controle de natalidade. Desta maneira, o ritmo de crescimento das pessoas com sessenta anos ou mais está de certa forma acelerado.

A taxa de idosos aumenta, no entanto eles não estão mais aptos ao modelo de mercado capitalista e quase sempre não são preparados para enfrentar o 'estar' aposentado. Essa não preparação reflete a fase de reconfiguração social em que a contemporaneidade está inserida, onde as novas formas de subjetivação abrem espaço para um desarranjo entre a

surpresa e o inesperado ainda com a sombra de um passado recente. Deparamo-nos então com uma questão, existe um lugar para o velho na contemporaneidade? Onde não esteja demarcado o caminho para negligência e exclusão?

É comum existir uma estereotipia arraigada ao conhecimento popular, mesmo que o ato de envelhecer seja comum a todos, essa mudança ocorre de forma singular e cheia de particularidades. Principalmente, dentro deste contexto atual de segregação e exclusão, onde comparado a outras faixas etárias e até mesmo a outros grupos distintos (operários e mulheres, por exemplo) o velho é excluído do resto da população. Como se a velhice tivesse o dever de ser considerada uma realidade que precisasse ser restringida a uma parte da sociedade.

Em contrapartida existem medidas e diretrizes baseadas em leis para que os direitos dessas pessoas sejam mantidos. O estatuto do idoso promove algumas ações, visto que, mesmo havendo a exclusão sobe um manejo cultural, a lei intervém nessas condutas para que os direitos deles sejam preservados. Incluindo além dos fundamentais, o direito à liberdade; ao respeito; a dignidade; a saúde; ao esporte; ao lazer; a cultura; a previdência social; a assistência social; a forma de atendimento que a eles devem ser oferecido. Como também a conduta das entidades de atendimento ao idoso, devem fornecer todas as garantias estabelecidas pela lei.¹

Na primeira parte do artigo, destacaremos o contexto sócio-histórico em detrimento as atuais formas de subjetivação, ou seja, a construção do lugar em que o velho se encontra na atualidade. No segundo momento, a teoria do narcisismo na psicanálise em conjunto com a cultura pós-moderna de espetacularização do corpo. Posteriormente a questão dos estereótipos em paralelo às reais possibilidades existentes na velhice. Levando em consideração também o valor subjetivo das perdas e a qualidade na formação de profissionais, especificamente na área da psicologia, para o olhar sobre o velho.

O LUGAR DO NÃO LUGAR

¹ Estatuto do idoso, das entidades de atendimento ao idoso. Capítulo II; Artigo 48 da Lei Nº 10.741, De 1º de Outubro de 2003.

Durante muito tempo, o sistema esteve baseado no modelo da família patriarcal, onde o pai regia a lei. Segundo Forbes(2010), a psicanálise quando surgiu, na modernidade, pôde ser vista por dois registros, um foi pela formalização do sujeito inconsciente e o segundo, pela dimensão tradicional do homem. Ou seja, levou em consideração sua condição de homem enquanto ser limitado destinado a nascer, crescer, reproduzir-se e morrer. Freud dentro destes registros formula o complexo de castração (diferença sexual) e o complexo de Édipo (diferença geracional). O eixo das relações identificatórias ocorriam de forma vertical, direcionado a um pai ideal, uma lei que diretamente interferia na construção das subjetividades. “Ora, entendemos que a psicanálise surge em uma sociedade cujo laço social era *pai orientado*: tinha como ideal o pai, o patrão, a pátria.” (Forbes, 2010, p. 51)

Com o advento do paradigma capitalista tanto a relação com o trabalho como com o prazer são alteradas. Ao prazer, ocorre uma renúncia daquilo que poderia ser desfrutado imediatamente para que o seja feito em longo prazo. A mercadoria deixa de ser algo no nível do necessário, e passa a ser da ordem do acúmulo. O tempo que antes era livre, agora é destinado ao excedente. Viuse o crescimento e surgimento de diversas áreas na ciência, e o declínio das tradições históricas. O sujeito que vivia para o coletivo, torna-se individualista, a sociedade perde a noção de coletividade.

O exercício cada vez mais frequente e indispensável deste capital auto-gerado e auto-administrado por cada um – o capital da consciência reflexiva – marcou e acentuou uma crescente separação entre cada sujeito e os seus objetos de exame e cogitação e entre os indivíduos e suas coletividades. (Figueiredo, 2004, p. 35)

Coelho Santos(2008) Apud Forbes(2010), lembra que o marco da revolução francesa desvencilha o saber daquele que o transmite, tornando-o também parte da mercadoria, desta forma, o mestre perde seu posto de lei. De maneira que, há alguns anos atrás a idade que representava a velhice, hoje é conhecida como meia-idade. Antes, aquele que envelhecia tinha o direito para fazer uso da função de ‘lei’ e ‘respeito’. Era comum nos ensinamentos familiares a preocupação com a consideração aos mais velhos. Basicamente menos de dois séculos atrás as características advindas da velhice que hoje

são marginalizadas eram valorizadas e respeitadas, sem haver a necessidade de esconder a ação do envelhecimento e a aparência que ele trás.

Nas sociedades tradicionais, a figura do velho representava a sabedoria, a paciência, e transmitia os valores da ancestralidade: era ele quem detinha a memória coletiva; quem, através da evocação e da transmissão oral, construía uma narrativa com a qual se incorporava (fazia-se corpo) cada indivíduo na história do grupo, outorgando-lhe uma filiação bem mais abrangente do que conhecemos atualmente, quase restrita ao campo do familiar. O velho, então era um elemento na vida do jovem que colaborava para ancoragem no registro do simbólico, e este era o lugar simbólico para velhice. (Goldfarb, 1998, p. 25)

Desta forma, intimamente ligado ao desenvolvimento capitalista e ao processo individualizador da pós-modernidade temos esse 'pai' barrado, o declínio do discurso do mestre. O "poder", antes exercido pelo pai, agora é passado para o estado, sendo legitimado pelas leis públicas que vem para proteção da criança, da mulher, e do idoso. Dentro desse contexto tornou-se inevitável a reconfiguração familiar, o reposicionamento de papéis e funções. Surgindo o que Forbes (2010) nomeia de homem desbussolado pelo efeito das alterações no eixo das identidades, o que, como vimos, ocorria de forma vertical, passa para uma relação horizontal, perdendo as amarras das tradições que estruturavam os laços sociais. O que interfere diretamente na forma como se subjetiva atualmente e no lugar em que os papéis estão inseridos.

Mesmo estando locado de forma 'privilegiada' no que diz respeito a constituição das leis, ele ocupa o lugar do excluído, do marginalizado. O que chamamos de 'o lugar do não lugar', isto é, um lugar desprovido de investimentos identificatórios. Pois, ao mesmo tempo em que o estado intervém para cumprimento da proteção, os casos de violência e exclusão só parecem aumentar. Ora, se a proteção e o cuidado ao idoso são assegurados por leis que viabilizam a efetivação delas, eles são de fato resguardados e se faz garantida realmente à qualidade de vida? Pelo que se pode observar esse objetivo é um caminho longo a se percorrer, já que a legitimação proveniente por uma lei, e apenas isso, ainda não foi suficientemente capaz de inseri-lo no próprio discurso de proteção. Ela pode, portanto, ter alcançado vários avanços no que diz respeito ao sujeito de direito, mas enxergar a alteração que a pós-modernidade traz para a forma de subjetivação, nos posiciona diante da

urgência de que esse velho é e continuará sendo um sujeito de desejo. Ao mesmo tempo em que o estado o coloca num lugar de proteção e amparo, as vias sociais dirigidas pela ideologia capitalista de produção e as mais variadas formas de violência fazem a sua segregação da sociedade.

NARCISO: DO MITO À PSICANÁLISE; DA PSICANÁLISE À CULTURA NARCÍSICA

Antes de discorrer sobre a relação que há entre a pessoa que envelhece e o que ela encontra diante do espelho. Expõem-se alguns aspectos básicos da concepção analítica sobre a constituição da imagem narcísica, que se dá no campo infantil recebendo influência direta da comunidade (família), e posteriormente as questões narcísicas acompanharão o sujeito que receberá, então, influências também de um meio macro (a sociedade). O importante é que fique nítida a relação existente entre a autoconcepção do 'eu' e como o desejo do outro o constitui e a relação que se pretende estabelecer com o processo do envelhecimento.

Para tanto, um breve relato do mito: Narciso, jovem muito belo, filho do deus Cephisus e da ninfa Liríope. Por causa de sua beleza ele era bastante desejado pelas jovens, mas por julgar que nenhuma delas era merecedora de seu amor, ele escolheu então ficar sozinho. Nessa fuga, ao parar numa fonte e ver seu reflexo, logo se encantou por ele. A admiração foi tamanha que ficou ali, admirando-o até se definhar. Utilizando-se do mito de Narciso, Freud elabora uma compreensão deste em relação à vida psíquica do sujeito.

Chama de narcisismo primário, o estado inicial da vida humana, onde não há relação com o meio externo, a criança não compreende seu corpo como uma totalidade, mas fragmentado, como objetos parciais. A libido primeiramente é satisfeita pelo auto-erotismo, ou seja, um órgão retira de si mesmo o prazer. Desta maneira, é através do toque, carinho, desejo da mãe que ela subverte o pequeno ser que era apenas biológico a um corpo erógeno, onde há pulsões. Pelo fato de as pulsões auto-eróticas serem parciais, há a necessidade de outra ação psíquica que torne o corpo como uma unidade narcísica.

A emergência do narcisismo exige que o Ego seja submetido a um processo de desenvolvimento, e que "uma nova ação psíquica" venha lhe dar forma, ou seja, torne possível que ele seja tomado e investido

na sua unidade e totalidade como um objeto de amor. (Rocha, 1995, p. 89)

Com a primeira unificação das pulsões sexuais, narcisismo primário, o ego passa a ser tomado como objeto de amor. Há um investimento libidinal direcionado a si mesmo, antes de recorrer aos meios externos. De forma que, narcisicamente ocorre uma ilusão da imagem do corpo, deste como sendo integrado e perfeito. A isso, Freud apud Rocha(1995) denomina de ego ideal. Ou seja, é uma referência ilusória de quando a criança foi amada incondicionalmente. Pode-se considerar como um momento mítico, sujeito e objeto estavam indiferenciados, havia então, uma fusionalidade, assim não tinha necessidade de confronto com o princípio de realidade. No entanto, ocorre outra demanda nessa relação 'uno', que é justamente a necessidade de se tornar objeto de amor de um outro (a mãe).

Segundo Rocha(1995) Só podemos pensar na relação dos objetos com as escolhas objetais quando há a unificação psíquica, a constituição do ego. Para que ocorra a passagem do narcisismo primário ao secundário é necessário que haja um retorno de investimento dos objetos, mas, nesse caso, transformando-os em investimentos do eu. Com a entrada no complexo de Édipo e a interdição paterna a relação que antes foi constituída é abalada. Desta forma, a passagem do ego ideal para o ideal do ego só ocorre com a aceitação simbólica da castração no desfecho do Édipo que é causa primordial para a estruturação do sujeito.

No complexo de Édipo o sujeito renuncia libidinalmente ao objeto de desejo, e o narcisismo é concebido como uma estrutura permanente no sujeito. No entanto, agora ele será solicitado a dar conta do equilíbrio entre os investimentos narcísicos e objetais. O ideal do ego é, pois, herdeiro do ego ideal, fazendo com que o narcisismo do eu ideal seja transferido para os ideais de vida do sujeito que ele conseqüentemente muito se esforçará para tê-lo no futuro.

Lacan (1949) acrescenta a leitura do corpo narcísico com seus estudos sobre o estádio do espelho como formador da função do eu. Traz um diálogo entre alienação e subjetivação, pois o eu está ligado à imagem do corpo. Na elaboração do registro imaginário (um dos três registros psíquicos –Real, Imaginário, Simbólico), afirma que o ego é constituído por uma imagem

especular.

[...] A criança vê sua imagem total refletida pelo espelho, mas existe uma discordância entre essa visão global da forma de seu corpo, que precipita a formação do eu, e o estado de dependência e de impotência motora em que ela se encontra na realidade. [...] Ele mostra como a criança antecipa, através dessa experiência, o domínio de seu corpo: enquanto, antes, vivenciava-se como um corpo despedaçado, agora ela se acha cativada, fascinada por essa imagem do espelho, e se rejubila. (Nasio, 1997, p. 57)

A fase do espelho dá-se quando a criança conquista o reconhecimento de um reflexo unitário, reconhecendo-se. No entanto, há uma discordância entre a visão global e seu estado de dependência. O reflexo é visto também por um outro, a mãe, que o nomeia e o reconhece, fazendo hábil seu auto-reconhecimento. Significa dizer que ela se reconhece através do outro, apesar de ser seu o que vê diante de si, é também a de outro que faz uma representação tal como um espelho.

A captação imaginária do eu é o que caracteriza o narcisismo. Confundem-se a imagem ideal de si com a do semelhante, constituindo o ego ideal através do processo de identificação. “O outro especular é o reflexo de sua própria imagem. O Ego especular. Portanto, é apenas uma ponte para passagem do Ego-que-sou-eu para o outro-que-não-eu.” (Rocha, 1995, p.196)

Será levada em conta agora a relação que há entre a teoria da psicanálise no confronto do velho com sua imagem no espelho. O não reconhecimento da pessoa que ali se mostra refletida. De fato os olhos não estão mais diante de um eu idealizado, ao contrário, de um corpo que não recebe valor social. Como também distante da possível completude narcísica, de uma eterna juventude que não existe na realidade. O valor social contemporâneo dado à juventude só parece afastar mais ainda a relação saudável entre a realidade e o imaginário. Ou seja, há um distanciamento cada vez maior entre o desejo da auto imagem relacionada as exigências sociais e a realidade do envelhecimento.

Pelo fato de que na cultura pós-moderna pode-se observar o narcisismo (no sentido da etiologia da palavra) exacerbado, o hedonismo, as referências tradicionais banalizadas, o culto ao corpo, a presença de um vazio existencial, onde se expandem variadas formas de violências como construção sócio-histórica. Reduzindo a singularidade do sujeito para um objeto de consumo,

que precisa traduzir para si as exigências das imagens impostas, para ser reconhecido como sujeito, por outro que também o é. O corpo é alvo de cuidado, de adoração, tomado como objeto de investimento para ser modelado a qualquer preço. É uma espécie de existência estética, onde o relacionamento profundo é substituído pela espetacularização da superficialidade. Assim, já dito anteriormente, como consequência a esse movimento a relação que a pessoa tem com o corpo é alterada, mostrando uma aversão ao velho. De fato há angústia diante ao inevitável caminho, a morte. Como então encontrar espaço para envelhecer? Se o desejo é utilizar todos os mecanismos possíveis para barrar a ação do tempo no corpo. Dessa forma a nossa demanda de trabalho é lidar com esse sujeito ferido, imerso nesse cenário de representações sociais, onde o corpo é alvo de significados do conceito de sujeito, e este se distancia dia-a-dia da beleza imposta.

O cuidado de si, anteriormente voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, migrou para a atenção para com a longevidade, a perfeição da saúde físico-mental, a juventude, em suma, para com a *'fitness'*. Inventou-se um novo modelo de identidade, a bio-identidade, e uma nova forma de preocupação consigo, a *bio-ascese*, nos quais a *fitness* é a suprema virtude. Ser jovem, saudável, longo e atento à forma física começa a funcionar como regra científica que legitima ou desqualifica outras referências à felicidade. (Costa, 2001, p. 5)

Nessa perspectiva, situamos a problemática que gira em torno do velho em relação às novas formas de subjetivação, no que se diz respeito a perda dos referenciais da tradição, posicionado num contexto marcado pela cultura narcísica, no autocentramento, e numa sociedade que valoriza a exterioridade e o espetáculo.

Diante das questões levantadas, se coloca a dificuldade do auto-reconhecimento em estar velho. O que se encontra é surpresa e o pavor diante do espelho. Primeiro pela questão especular e aproximação da morte, segundo pelo fator cultural que atravessa a ideologia e o paradigma social. O comércio, a indústria de beleza, o *fitness*, e até tecnologias mais avançadas da medicina antienvelhecimento, que trabalha com modulação hormonal e atuam em favor desse distanciamento do estado da velhice, e do estigma que ela traz.

Nas circunstâncias atuais, a sociedade não atribui ou não permite ao velho outro papel que não o de refugo, de desconsideração estereotipada, pois não o considera mais capaz de produzir

economicamente – capacidade tida como essencial na visão capitalista de hoje-, e, assim, o homem velho desempenha papel subalterno, de acordo com as possibilidades que a situação do momento e do lugar lhe concede (Loureiro, 1998, p. 26)

O conceito de etiqueta atual enxerga a velhice como limitação e a beleza juvenil assume o papel de norma socialmente aceita; proposta também com fins de consumo. Através dos mais variados meios de comunicação a beleza do jovem é traduzida como sinônimos de saúde, força física, psicológica, etc. E necessariamente o velho é posto em antítese a estas ideias. O juízo generalizado acaba formando uma verdade pública que se confirma através dos estereótipos. “Através dos rótulos, a totalidade das pessoas idosas se enquadra como fisicamente limitada, visualmente pouco agradável, e funcionalmente dependente.” (Moragas, 1997, p. 44)

Certamente, mais saudável seria se o conceito de beleza abarcasse pessoas de diferentes faixas etárias com suas respectivas características, ocorrendo harmonia entre as representações e o caminho orgânico que o corpo nos impõe. Encarando o envelhecimento como uma etapa vital e universal assim como a juventude, enxergando em ambas a beleza com suas especificidades.

De fato é a velhice ou são os temíveis rótulos que convertem um adulto ativo em um velho inútil passivo? O envelhecimento não se manifesta de igual modo a todas as pessoas. Organismo e experiência nos fornece uma gama praticamente infinita de possibilidades. Ao que é comum para a maioria podemos citar as mudanças no registro sensorial, onde ocorre um declínio fisiológico na sensibilidade e no poder da capacidade cerebral de receber informações. Mesmo sendo apenas um declínio, existem variantes que podem ser significativas, se estes colocarem em risco o desenvolvimento intelectual. É preciso, contudo, saber esperar o tempo de aprendizagem para os diferentes momentos do desenvolvimento humano.

De maneira geral é evidente que mudanças no aspecto físico ocorram, alguns sofrem de doenças que podem comprometer ainda mais a capacidade de autonomia. Nenhuma perspectiva generalizante parece caber neste momento. Das limitações, a que estão submetidos nenhum lugar cristalizador os enquadram, nem os igualando aos jovens com sua força e vigor, nem os

submetendo ao espaço de marginalização apoiado pelo conhecimento vigente na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico, sobre o lugar que o conceito de envelhecimento tem tomado na cultura pós-moderna. Pensar na questão da senescência não é importante apenas simplesmente pelo crescimento populacional, mas também pelo surgimento das novas demandas decorrentes a esse fator, que tocam diretamente em diversas áreas de conhecimento.

Essa temática assume um cunho histórico, por que a ideia de velho é construída e fabricada dentro do percurso ao longo do tempo, e este é atravessado por uma cultura que o dinamiza através dos períodos. Pensar nestas questões é coerente, pois se descola a imagem atual que socialmente é concebida à velhice como um fator universal. Desfaz a noção de atemporalidade no conceito de senescência, pois os lugares são construídos e fabricados dentro do contexto social. O que conhecemos do sentimento piedoso ao velho, ligado à imagem de decrepitude, impotência, incapacidade, que são características próprias da sociedade pós-moderna onde o capitalismo tem marcado e diferenciado a relação do homem com o mundo, com o outro e com seu próprio corpo.

Desta forma, subjetivamente o idoso também é atingido, por ser visto de forma generalizada. O esboço teórico analítico, que fora aqui comentado, concebe a forma como se monta o narcisismo na concepção infantil, fazendo então, uma ligação com a ferida narcísica que provavelmente o sujeito terá que dar conta na velhice. O sujeito singularmente faz a internalização dos aspectos culturais, das imagens que são construídas a cerca dele mesmo. Esse é um grande campo de atuação da psicologia, trabalhar 'o que' e 'como' esse sujeito realmente deseja ser, com 'o que' e 'como' o 'outro' quer que ele seja.

De maneira mais ampla a presente pesquisa visa ampliar as reflexões a cerca do lugar subjetivo ocupado atualmente pelo idoso,.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-Lei n.º 10.741, de 1 de outubro de 2003. CEDI conselho estadual dos direitos do idoso documento impresso pela secretaria de desenvolvimento social e direitos humanos de Pernambuco. **Diário oficial** [da União], Brasília, 9, Jun. 2011.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE. XVI, 1949, Zurich. O espelho do espelho como formador da função do [eu] tal qual nos é revelada na experiência psicanalítica. Zurich: Jorge Zagar Editor, 1998.

COSTA, J. F. **A Subjetividade Exterior**. Palestra apresentada sob o título de A Externalização da Subjetividade, 2001. Texto inédito. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/80933394/Jurandir-Freire-Costa-A-Subjetividade-Exterior>>. Acesso em: 14, jun, 2012.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

FORBES, J. **Inconsciente e responsabilidade**. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Doutorado em psicologia). Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GOLDFARB, D. C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de pesquisas (DPE). Coordenação de população e indicadores Sociais (COPIS). Revisão 2004, Rio de Janeiro, 2004.

LOUREIRO, A. M. L. **A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo**. 1.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

MORAGAS, R. M. **Gerontologia Social: envelhecimento e qualidade de vida**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1997.

NASIO, J. D. **Os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ROCHA, Zeferino. **Freud: Aproximações**. 2 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995

ZIMERMAM, G. I. **Velhice: Aspectos biopsicossociais**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.